

O OLHAR DOS EVANGÉLICOS BRASILEIROS PARA A CRISE AMBIENTAL NO MUNDO

HOW BRAZILIAN EVANGELICALS VIEW THE WORLD'S ENVIRONMENTAL CRISIS

LA MIRADA DE LOS EVANGÉLICOS BRASILEÑOS A LA CRISIS AMBIENTAL EN EL MUNDO

Conrado Henrique Lopes de Carvalho¹

Resumo

Este artigo científico investiga a perspectiva dos evangélicos brasileiros diante da crise ambiental atual. Utilizando uma abordagem de revisão narrativa da literatura, o estudo contextualizou inicialmente a gravidade e a complexidade dos desafios ambientais globais, enfatizando a urgência de ações mitigadoras. A pesquisa buscou compreender como as interpretações teológicas e doutrinárias do evangelicalismo brasileiro influenciam suas atitudes em relação ao meio ambiente. Utilizando o *Google Scholar* como principal ferramenta de pesquisa, foram analisados estudos até maio de 2024 em língua portuguesa, destacando-se a diversidade de crenças e a predominância de visões escatológicas que moldam a percepção ambiental dessa comunidade religiosa. Os resultados indicaram que, historicamente, o evangelicalismo brasileiro tendeu a adotar uma postura de despreocupação em relação às questões ambientais, influenciado por interpretações teológicas que privilegiam a espiritualidade individual em detrimento das responsabilidades ambientais coletivas. Essa atitude é reforçada por correntes como o dispensacionalismo e a Teologia da Prosperidade, que enfatizam uma leitura antropocêntrica das Escrituras, ignorando princípios de mordomia e cuidado com a Criação divina. As considerações finais destacam a necessidade urgente de uma reflexão teológica mais profunda dentro do evangelicalismo, promovendo uma maior conscientização e engajamento com a preservação ambiental como um imperativo ético e moral. Essa pesquisa contribui para ampliar o diálogo sobre o papel das religiões na crise ambiental global, apontando para possíveis caminhos de integração entre fé e práticas sustentáveis para enfrentar os desafios do século XXI.

Palavras-chave: evangelicalismo; meio ambiente; crise ambiental; teologia.

Abstract

This scientific article examines the perspective of Brazilian evangelicals on the current environmental crisis. A narrative literature review approach was employed to contextualize the gravity and intricacy of global environmental challenges, underscoring the imperative for mitigating actions. The objective of the research was to ascertain the extent to which the theological and doctrinal interpretations of Brazilian evangelicalism influence the attitudes of this religious group towards the environment. The research tool employed was Google Scholar, which was used to analyze studies up to May 2024 in Portuguese. This allowed for the identification of the diversity of beliefs and the predominance of eschatological visions that shape the environmental perception of this religious community. The findings revealed that, historically, Brazilian evangelicalism has exhibited a tendency to adopt an indifferent stance towards environmental concerns. This is influenced by theological interpretations that prioritize individual spiritual growth over collective environmental responsibilities. This stance is reinforced by currents such as dispensationalism and Prosperity Theology, which espouse an anthropocentric interpretation of Scripture, thereby neglecting the principles of stewardship and care for God's creation. The concluding observations underscore the imperative for more profound theological reflection within evangelicalism, fostering enhanced awareness and engagement with environmental preservation as an ethical and moral imperative.

Keywords: evangelicalism; environment; environmental crisis; theology.

Resumen

Este artículo científico investiga la perspectiva de los evangélicos brasileños frente a la crisis ambiental actual. Utilizando un enfoque de revisión narrativa de la literatura, el estudio contextualizó inicialmente la gravedad y

¹ Acadêmico no curso de Teologia do Centro Universitário Internacional (UNINTER). E-mail: conradohl@gmail.com

complexidad de los desafíos ambientales globales, enfatizando la urgencia de acciones mitigadoras. La investigación buscó comprender cómo las interpretaciones teológicas y doctrinarias del evangelicalismo brasileño influyen en sus actitudes respecto al medio ambiente. Utilizando *Google Scholar* como principal herramienta de investigación, se analizaron estudios hasta mayo de 2024 en lengua portuguesa, destacando la diversidad de creencias y el predominio de visiones escatológicas que moldean la percepción ambiental de esta comunidad religiosa. Los resultados indicaron que, históricamente, el evangelicalismo brasileño tendió a adoptar una postura de despreocupación en relación con las cuestiones ambientales, influenciado por interpretaciones teológicas que privilegian la espiritualidad individual en detrimento de las responsabilidades ambientales colectivas. Esa actitud se ve reforzada por corrientes como el dispensacionalismo y la Teología de la Prosperidad, que enfatizan una lectura antropocéntrica de las Escrituras, ignorando principios y cuidado con la Creación divina. Las consideraciones finales destacan la urgente necesidad de una reflexión teológica más profunda dentro del evangelicalismo, promoviendo una mayor conciencia y compromiso con la preservación ambiental como un imperativo ético y moral. Esa investigación contribuye a ampliar el diálogo sobre el papel de las religiones en la crisis ambiental global, señalando posibles caminos de integración entre fe y prácticas sostenibles para enfrentar los desafíos del siglo XXI.

Palabras clave: evangelicalismo; medio ambiente; crisis ambiental; teología.

1 Introdução

A crise ambiental é considerada uma das maiores ameaças enfrentadas pela humanidade e pela biodiversidade do planeta como um todo, adverte Proença (2022). Piccolo, Durval e Gallo (2024) esclarecem que mais de 150 de cientistas informaram que entendem por “mudanças sem precedentes” as transformações que o mundo está atravessando de modo que medidas urgentes para mitigar as emissões de gases de efeito estufa² e reduzir a pegada ambiental³ precisam ser tomadas.

O cuidado com o meio ambiente está muito além do protecionismo ou conservacionismo de caráter filantrópico característicos da década 1960, a busca por soluções sustentáveis é uma necessidade premente (Proença, 2022). A pauta ambiental não se limita mais a espaços acadêmicos ou a organizações não governamentais (Piccolo; Durval; Gallo, 2024). O meio ambiente é um bem comum de todos e para todos, recorda Francisco (2015).

Todavia, a sociedade é multifacetada caracterizada pela diversidade cultural, social e religiosa, expressando uma variedade de crenças e perspectivas. Isso é de especial interesse teológico quando se observa que 70% da população do país é composta por cristãos, segundo a recente pesquisa *Global Religion 2023* (Ipsus, 2023). Desse recorte, mais de 41% se declararam evangélicos/protestantes, o que representa mais de 58 milhões de brasileiros e brasileiras se comparado aos dados do último censo demográfico.

Este trabalho, que se insere na linha de pesquisa “Teologia, Filosofia, Sociologia e Ciências da Religião: diálogos orgânicos” da Área de Humanidades da UNINTER, tem como

²O efeito estufa é um fenômeno natural que ocorre quando certos gases na atmosfera retêm o calor do sol na superfície da Terra, causando o aumento da temperatura global e influenciando o clima.

³A pegada ambiental é o impacto que uma pessoa, comunidade ou organização causa no meio ambiente em termos de consumo de recursos naturais, emissão de poluentes e geração de resíduos.

foco o ponto de vista dos evangélicos a respeito da crise ambiental. Embora o ponto de vista de todos os cristãos sobre o problema ambiental seja relevante, a defesa da Sagrada Escritura como único fundamento é muito forte, sobretudo, nas igrejas e movimentos protestantes, aponta Guimarães (2014). Portanto, compreender melhor como é a relação do evangelicalismo brasileiro com o meio ambiente é de vital importância nesse contexto, dada a influência significativa que essa comunidade religiosa possui na sociedade.

Ademais, este estudo tem o objetivo claro de investigar a visão do evangelicalismo brasileiro sobre o meio ambiente em face da crise ambiental atualmente. Para tal, os objetivos específicos foram: a) contextualizar a crise ambiental; b) investigar o olhar dos evangélicos sobre a natureza e o meio ambiente; e c) discutir como o olhar do evangelicalismo brasileiro pode influenciar a pauta ambiental.

A fé e a preservação do meio ambiente teriam alguma ligação? Qual é a relação entre o ser humano e a natureza? Como os evangélicos encaram eventos climáticos e meteorológicos extremos? Existem doutrinas e teologias que não corroboram para a conservação do meio ambiente? Tais questionamentos nortearam a revisão narrativa da literatura, que se trata de uma pesquisa bibliográfica sobre a temática atual. O banco de dados utilizado foi o *Google Scholar*, onde foram aplicadas as seguintes palavras-chave: evangélicos, meio ambiente, Criação de Deus. Estudos publicados até maio de 2024, em língua portuguesa, foram considerados para análise.

Dentre os autores consultados, ressaltamos as contribuições do Papa Francisco (Jorge Mario Bergoglio) contidas em sua encíclica “*Laudato Si*”, que nos conduz a uma honesta e profunda reflexão acerca das ações antrópicas sobre nossa casa comum⁴ e da responsabilidade com a Criação de Deus e com nós mesmos. Adicionalmente, Sidney Guerra em seu trabalho “*A Crise Ambiental na Sociedade de Risco*” nos oferece um panorama amplo sobre a exploração predatória dos recursos naturais do planeta, nos situando acerca da crise ambiental global, suas prováveis causas e seus impactos para nosso ecossistema. Por sua vez, Wander Proença e José Brissos-Lino nos fornecem hipóteses interessantes e pormenorizadas sobre os evangélicos e as causas da latência dessa comunidade religiosa frente às transformações ambientais globais apontando caminhos possíveis rumo a uma nova consciência coletiva. Por conseguinte, as perspectivas apresentadas pelo pontífice e pelos pesquisadores supracitados constituem a base teórica desse ensaio.

⁴ A expressão “casa comum” enfatiza a ideia de que a humanidade e todos os seres vivos compartilham a mesma morada planetária. Essa expressão ganhou destaque devido a encíclica “*Laudato Si*” do Papa Francisco.

2 Revisão bibliográfica

A crise ambiental global, marcada por desafios como mudanças climáticas e perda de biodiversidade, demanda respostas urgentes de todos os setores da sociedade. Nesse contexto, é de relevância sócio-teológica como os evangélicos brasileiros têm integrado a fé cristã ao cuidado ambiental. A revisão de literatura subsidiará o desenvolvimento do trabalho, oferecendo uma perspectiva sobre a contribuição dos evangélicos para a promoção da sustentabilidade e o cuidado com a Criação divina.

2.1 A crise ambiental

Ao mirar a história, Guerra (2009) assevera que a revolução industrial é o marco teórico para a utilização predatória dos recursos ambientais a partir do século XVIII na Inglaterra impactando sobremaneira a sociedade em um processo de mudança marcado por significativa evolução tecnológica.

O crescimento econômico, resultante disso, passou a ser percebido como uma solução crucial para os problemas que afligem o ser humano moderno, sem, contudo, a devida preocupação com as consequências ambientais (Proença, 2022).

Em vista disso, o século XX testemunhou grandes mudanças nos sistemas ecológicos acarretando assim, segundo Guerra (2009, p. 182) o “exaurimento dos recursos naturais e incapacidade dos ecossistemas de absorverem as agressões impostas pela expansão econômica”, evidenciando-se a partir daí a crise ambiental.

A crise ambiental é um fenômeno complexo que atinge toda a humanidade, que mesmo com os inúmeros alertas da natureza, insiste em comportamentos irresponsáveis e arriscados, que podem resultar em graves impactos negativos para o planeta inteiro (Ferreira; Batista, 2018). A crise climática, a poluição do ar, da água e do solo, a perda de biodiversidade, o desmatamento, o esgotamento de recursos naturais e outros impactos negativos nos ecossistemas são elementos centrais dessa problemática, de acordo com Xavier e Delfino (2023).

Um dos efeitos dessas agressões é a desertificação, que é o processo pelo qual terras férteis se transformam em desertos devido à degradação ambiental causada por práticas agrícolas insustentáveis, desmatamento e mudanças climáticas (Guerra, 2009). Esse processo resulta em uma “série de problemas em todo o planeta que vão desde a extinção de espécies da fauna e da flora até a inviabilidade de qualquer tipo de atividade econômica e, a consequente migração de pessoas”, segundo Guerra (2009, p. 185).

Segundo Guerra (2009), as atividades humanas têm levado a uma crise na biodiversidade global, com um número significativo de espécies vegetais, aves, mamíferos e peixes enfrentando sérias ameaças de desaparecimento. O desaparecimento da biodiversidade, de espécies da fauna e da flora, chegou a um nível estarrecedor.

A crise climática também afeta a quantidade e a qualidade da água. Mudanças nos padrões de precipitação e a maior frequência de eventos extremos, como secas e inundações, alteram a disponibilidade de água doce (Proença, 2022). O aumento das temperaturas contribui para a evaporação e reduz a capacidade dos reservatórios de água. Além disso, a poluição por produtos químicos agrícolas, resíduos industriais e esgoto não tratado é exacerbada pela redução no fluxo de água, diminuindo a capacidade de diluição e autodepuração dos corpos d'água, complementa Proença (2022).

Moura e Siedeliske (2021) relatam que as atividades humanas provocaram, observando exclusivamente o Brasil, uma retração de cerca de 17% da superfície coberta com água entre os anos de 1990 e 2020, o que equivale a uma vez e meia a superfície de água de toda região nordeste em 2020.

Também é importante complementar que as mudanças climáticas podem levar a escassez de água, favorecendo assim o surgimento de conflitos e guerras em virtude dos interesses geopolíticos (Francisco, 2015).

Concomitante a isso, o aquecimento global, causado principalmente pelo aumento das concentrações de gases de efeito estufa como o dióxido de carbono, metano, óxido de azoto, e outros, leva ao aumento gradual da temperatura média da Terra. Numerosos cientistas indicam que a maior parte desse aquecimento é causada pela atividade humana, relata Francisco (2015). Este aumento provoca derretimento das calotas polares, elevação do nível do mar, acidificação dos oceanos e mudanças nos padrões climáticos (Proença, 2022).

Francisco (2015) acrescenta aspectos sociais ao relacionar a deterioração da qualidade de vida humana e a desigualdade planetária, como parte desse intrincado problema ao afirmar que “o ambiente humano e o ambiente natural degradam-se em conjunto” (Francisco, 2015, LS 48).

Portanto, a crise ambiental global evidencia a necessidade urgente de repensar o desenvolvimento econômico à luz da sustentabilidade, considerando os impactos irreversíveis da exploração predatória dos recursos naturais desde a revolução industrial. É crucial adotar medidas que promovam um equilíbrio entre crescimento humano e preservação ambiental para garantir um futuro viável para todos.

2.2 O olhar dos evangélicos sobre a natureza e o meio ambiente

É importante assinalar que a expressão “evangélico” comporta múltiplas doutrinas e tradições religiosas no Brasil. Segundo Proença (2022, p. 283), o “emprego do termo evangélico requer o cuidado metodológico de se resguardar a especificidade de cada grupo que assim se denomina”. Esse termo abrange desde as igrejas históricas, como batistas, presbiterianos e metodistas, até as denominações pentecostais e neopentecostais, como Assembleia de Deus, Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Quadrangular, entre muitas outras.

Para estudar o olhar dos evangélicos brasileiros sobre o meio ambiente, é essencial analisar suas crenças e interpretações religiosas. Nesse sentido a tradição escatológica evangélica é um ponto de partida. A parousia, ou Segunda Vinda Cristo, ensejou por anos uma cultura escapista na visão de Brissos-Lino (2023), “Se Jesus ia voltar em breve, para quê preocupações com o [meio] ambiente?” (Brissos-Lino, 2023, p. 105). Nas palavras de Proença:

Em um fatalismo teológico, acredita-se que a Terra já está destinada ao caos. A natureza já estaria, assim, teleologicamente fadada à destruição. [...] Assim, catástrofes ambientais são celebradas como sinais apocalípticos que anunciam a proximidade de um novo advento. Desse modo, não se considera uma missão da igreja a reversão de tal cenário, transferindo-se as perspectivas de mudança e transformação do contexto vigente para um futuro de intervenção divina. (Proença, 2022, p. 290).

Proença (2022) também destaca que o posicionamento do evangelicalismo brasileiro está profundamente afetado pelo gnosticismo docético⁵. Brissos-Lino (2023) explica que essa tradição evangélica sugere que cada cristão busque sua santificação se abstendo das questões sociais, pois o mundo (a sociedade) estaria sob a influência do mal: “Nós sabemos que somos de Deus e que o mundo inteiro está sob o poder do Maligno” (Bíblia, 1Jo 5,19).

Moura e Siedeliske (2021) reforçam essa tese ao elucidarem que a falta de interesse dos cristãos e das igrejas locais nas questões ambientais pode ser atribuída a uma cosmovisão equivocada que prioriza o espiritual em detrimento do material:

Faz-se necessário rever a maneira como os cristãos e as igrejas enxergam as questões ambientais do nosso planeta. Como já mencionado, deve-se abandonar a visão “gnóstico-cristã” e dualista do mundo, que denomina o espiritual como mais importante e o material como irrelevante (Moura; Siedeliske, 2021, p. 84).

⁵ O gnosticismo docético é uma vertente do gnosticismo que considera o mundo material mau e a gnose (conhecimento espiritual) como a chave para a salvação. Docetas acreditam que Jesus Cristo não tinha um corpo físico real, mas apenas uma aparência de corpo, sendo sua verdadeira natureza totalmente divina e incorpórea. Assim, sua encarnação e sofrimento na cruz são vistos como ilusórios, servindo para transmitir verdades espirituais.

A despeito disso, interpretações antropocêntricas da narração do Gênesis constituem outro aspecto importante relacionado ao ponto de vista dos evangélicos sobre a matéria ambiental (Proença, 2022). Brissos-Lino (2023) frisa que se confunde a expressão “dominar” com “fazer o que quiser” no tocante ao texto bíblico “Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a; *dominai* sobre os peixes do mar, as aves do céu e todos os animais que rastejam sobre a terra” (Bíblia Gn 1,28, grifo nosso).

Nesse sentido, Moura e Siedeliske (2021, p. 84) esclarecem que:

o conceito de domínio, apesar de remeter a este senhorio, não remete à exploração da natureza, pois Deus legitimou o uso dos recursos naturais pelos seres humanos, mas não autorizou nenhuma espécie de abuso por parte dos mesmos (Moura; Siedeliske, 2021, p. 84). Logo, o ser humano teria sido criado para governar a natureza como representante de Deus, desenvolvendo-a sem destruí-la. No entanto, em vez disso, ele a tem explorado egoisticamente, desrespeitando seu propósito original (Moura; Siedeliske, 2021).

Outro aspecto relevante decorre da Teologia da Prosperidade, onde “tal corrente de pensamento procura satisfazer os desejos de consumo [...] voltada à satisfação egocêntrica e imediatista” (Proença, 2022, p. 290). A Teologia da Prosperidade, amplamente difundida em algumas vertentes evangélicas, reforça a crença de que a bênção de Deus traduzir-se-ia na acumulação material e sucesso pessoal:

Conjugando a estratégia do dar para receber em troca, tal afã consumista trabalha com a pressa e o instantâneo, com o imediatismo, [...] com o emprego de técnicas que submetem a natureza a uma intensa forma de exploração para atender à avidez do mercado, sem respeitar o ciclo natural com que todo o ecossistema necessita para gerar e manter a vida. (Proença, 2022, p. 291)

No que concerne ao consumo, Francisco (2015) admoesta sobre ser importante ponto de atenção para a humanidade:

A humanidade é chamada a tomar consciência da necessidade de mudanças de estilos de vida, de produção e de consumo, para combater este aquecimento ou, pelo menos, as causas humanas que o produzem ou acentuam. (LS 23)

O ritmo de consumo, desperdício e alteração do meio ambiente superou de tal maneira as possibilidades do planeta, que o estilo de vida actual – por ser insustentável – só pode desembocar em catástrofes, como aliás já está a acontecer periodicamente em várias regiões. (LS 161)

A espiritualidade cristã propõe uma forma alternativa de entender a qualidade de vida, encorajando um estilo de vida profético e contemplativo, capaz de gerar profunda alegria sem estar obcecado pelo consumo (LS 191)

Por isso, segundo Proença (2022), a ênfase cristã no sucesso econômico pessoal pode desestimular práticas sustentáveis e negligenciar a importância da conservação ambiental, comprometendo a sustentabilidade e o equilíbrio ecológico a longo prazo.

3 Resultados e discussão

Nesta seção, são apresentados e discutidos os resultados obtidos a partir da revisão bibliográfica realizada, que seguiu uma abordagem exploratória. A pesquisa foi conduzida com o intuito de responder aos objetivos específicos estabelecidos para este estudo: a) contextualizar a crise ambiental; b) investigar o olhar dos evangélicos sobre a natureza e o meio ambiente; e c) discutir como o olhar do evangelicalismo brasileiro pode influenciar a pauta ambiental.

Para a coleta de dados, foi utilizado o *Google Scholar* como principal ferramenta de busca, empregando as palavras-chave “evangélicos”, “meio ambiente” e “criação de Deus”. A escolha dessas palavras-chave visou a obtenção de uma ampla gama de publicações relevantes, garantindo uma compreensão abrangente do estado atual da literatura sobre os tópicos investigados.

A pesquisa bibliográfica permitiu identificar e analisar diversas fontes que tratam da crise ambiental e das percepções e atitudes dos evangélicos em relação ao meio ambiente. A seguir, são apresentados os principais resultados encontrados e suas respectivas discussões, organizados conforme os objetivos específicos deste trabalho.

O primeiro objetivo, contextualizar a crise ambiental, revelou-se fundamental para compreender a magnitude e as complexidades dos desafios ambientais enfrentados atualmente. Todos os elementos que compõem a crise estão inter-relacionados de maneira complexa, porém somente nas últimas décadas essa problemática logrou visibilidade e atenção da sociedade para a seriedade da situação. Nas palavras de Proença (2022), até meados do século passado a preocupação com o meio ambiente limitava-se a um protecionismo ou conservacionismo de caráter filantrópico, mas com o surgimento do movimento de “revolução ambientalista” deu-se início, somente a partir da década 1960, ao estudo das causas mais profundas da crise ecológica emergente.

No contexto brasileiro, a crise climática também se manifesta através de desmatamento na Amazônia, incêndios florestais, aumento do desequilíbrio ambiental em ecossistemas delicados como o Pantanal, entre outros impactos, segundo o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE, 2020). O país tem um papel crucial na mitigação das mudanças climáticas devido à sua rica biodiversidade e extensão territorial (Brasil, 2021).

Em relação ao segundo e terceiro objetivos, o estudo do olhar dos evangélicos brasileiros para a crise ambiental mostra-se particularmente interessante, pois envolve uma abordagem que integra valores religiosos, éticos e morais com questões ambientais urgentes. Proença (2022) reitera que há um destoante silêncio ou passividade dos evangélicos diante das inquietações crescentes percebidas na sociedade atual. Brissos-Lino (2023) corrobora esse asserto ao considerar que os evangélicos durante muitos anos manifestaram uma atitude de alheamento face às questões climáticas e ambientais, concentrando-se unicamente na espiritualidade pessoal dos indivíduos.

Esse desinteresse deve-se aparentemente à teologia escatológica dominante (Brissos-Lino, 2023). Essa conduta de espera ou inação por obra da Segunda Vinda de Cristo não é algo novo na história da Igreja. O apóstolo Paulo em sua segunda Carta aos Tessalonicenses adverte crentes que haviam deixado de trabalhar por causa de uma compreensão equivocada da parousia:

Quando estávamos entre vós, já vos demos esta regra: quem não quer trabalhar também não há de comer. Ora, ouvimos dizer que alguns dentre vós levam vida à-toa, muito atarefados sem nada fazer. A estas pessoas ordenamos e exortamos, no Senhor Jesus Cristo, que trabalhem na tranquilidade, para ganhar o pão com o próprio esforço. (2Ts 3,10-12)

Concomitante a isso, Guimarães (2014) salienta que boa parte do evangelicalismo brasileiro também foi influenciado pelo movimento fundamentalista⁶, que defende uma interpretação literal e conservadora da Bíblia, e a necessidade de se opor às influências seculares e liberais na sociedade.

À vista disso, aquela interpretação escatológica dominante também se coaduna com a leitura fundamentalista da Bíblia, que se vale do dispensacionalismo⁷ como intérprete da história (Guimarães, 2013). De acordo com esse pensamento, a Terra estaria fadada à destruição sendo ingênua ou indevida qualquer ação para refrear os sinais dos tempos:

Certamente a terra será devastada, certamente ela será despojada, pois foi Iahweh quem pronunciou esta sentença. A terra cobre-se de luto, ela perece, o mundo definha, ele perece; a nata do povo da terra definha. (Is 24,6)

⁶ O fundamentalismo bíblico surgiu nos Estados Unidos no século XVII, com os calvinistas que emigraram da Holanda e da Inglaterra. No século XIX, ganhou força como reação ao liberalismo teológico da Alemanha, que reinterpretava a Bíblia com base na razão e nos avanços científicos. Em oposição, os fundamentalistas defendiam a inerrância bíblica, afirmando que a Bíblia era literal e infalível em todos os aspectos.

⁷ O dispensacionalismo é uma interpretação teológica que divide a história bíblica em diferentes eras ou “dispensações”, cada uma caracterizada por uma forma específica de relacionamento entre Deus e a humanidade. Enfatiza a literalidade das profecias bíblicas, a distinção entre Israel e a Igreja, e prevê eventos futuros como o arrebatamento, a tribulação, e o milênio, um reinado de mil anos de Cristo na Terra.

Porei sinais nos céus e terra, sangue, fogo, e colunas de fumaça. O sol se transformará em trevas, a lua em sangue, antes que chegue o dia de Iahweh, grande e terrível (Jl 3,3-4).

E haverá fome e terremotos em todos os lugares [...] Logo após a tribulação daqueles dias, o sol escurecerá, a lua não dará a sua claridade, as estrelas cairão do céu e os poderes dos céus serão abalados. (Mt 24,7.29)

E haverá grandes terremotos e pestes e fomes em todos os lugares, aparecerão fenômenos pavorosos e grandes sinais vindos do céu. [...] Haverá sinais no sol, na lua e nas estrelas; e na terra, as nações estarão em angústia, inquietas pelo bramido do mar e das ondas. (Lc 21,11.25)

Outrossim, o docetismo, que tende a considerar honrosas as questões celestes ou espirituais em contraponto aos temas seculares ou materiais, também surge como um elemento central nas atitudes do evangelicalismo brasileiro frente ao meio ambiente, advoga Proença (2022). Partindo desses pressupostos, pode parecer supérflua para algumas correntes evangélicas qualquer processo de consciencialização ou engajamento que promova intervenção nas questões ambientais. Engajar-se em questões ambientais seria ocupar-se de assuntos seculares, que nada tem a ver com a salvação da alma:

Portanto, esta postura escapista desencorajava qualquer envolvimento cívico, político, social ou cultural dos fiéis na vida pública – em particular nos países onde a influência religiosa era mais conservadora – o qual era considerado uma atitude “mundana” em contraponto com a postura “espiritual” que se esperava dum crente em Deus (Brissos-Lino, 2023, p. 107).

Para além disso, Xavier e Delfino (2023) ressaltam que desde o início, Deus criou o homem com a habilidade de se conectar com a natureza de maneira livre e responsável, não desvirtuando a missão de governar a Terra (Gn 1,28), mas sim de cuidar dela e preservá-la (Gn 2,15) (Francisco, LS 66, 2015).

Dessa maneira, afirmar que dominar a Terra, conforme narrativa do Gênesis, implicaria em licença para exploração selvagem da natureza é uma interpretação incorreta da Bíblia, esclarece Francisco (2015). A formulação teológica de que a natureza – incluindo os componentes bióticos, abióticos e ecossistemas – está sujeita aos desígnios dos homens, não importa quais sejam, encontraria embasamento na célebre passagem “Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a; *dominai* sobre os peixes do mar, as aves do céu e todos os animais que rastejam sobre a terra” (Gn 1,28, grifo nosso).

Essa interpretação pode ter conduzido alguns grupos evangélicos a verem a natureza como um recurso a ser explorado em prol do bem-estar humano. No entanto, uma compreensão mais holística das Escrituras também revela um chamado à responsabilidade e cuidado para com a Criação de Deus. Nesse sentido Francisco adverte a todos os cristãos:

É importante ler os textos bíblicos no seu contexto, com uma justa hermenêutica, e lembrar que nos convidam a «cultivar e guardar» o jardim do mundo (cf. Gn 2, 15). Enquanto «cultivar» quer dizer lavrar ou trabalhar um terreno, «guardar» significa proteger, cuidar, preservar, velar. Isto implica uma relação de reciprocidade responsável entre o ser humano e a natureza (Francisco, 2015, LS 67).

Piccolo, Durval e Gallo (2024) qualificam essa formulação como um entendimento equivocado do antropocentrismo judaico-cristão. Brissos-Lino (2023) explora uma das causas desse equívoco teológico:

Mas por vezes confunde-se a expressão genésica “dominar” com “fazer o que quisermos”, normalmente devido a uma fraca exegese, que não tem em conta a necessária contextualização histórico-cultural-religiosa dos textos bíblicos. [...] Portanto, tendo em conta que a hermenêutica bíblica exige uma interpretação conjunta e articulada dos mesmos, sendo a sua regra de ouro “a Bíblia interpreta-se a si própria”, o sentido a retirar é que o “dominar sobre” significa “ser responsável por” ou “cuidador”, nunca proprietário e muito menos abusador ou destruidor (Brissos-Lino, 2023, p. 113).

Brissos-Lino (2023), Rosa (2018) e Xavier e Delfino (2023) corroboram a opinião de Francisco de que a instrução de Deus para os seres humanos é guardar e cuidar, como um jardineiro prudente, do meio ambiente, mas nunca para o destruir. Essa ordenança está sublinhada no Gênesis 2,15: “Iahweh Deus tomou o homem e o colocou no jardim do Éden para o cultivar e o guardar”.

Em concordância com essa tese, Alanna Farias (2019) destaca a importância de recuperar um conceito teológico que vai contra a ideia de domínio, que é o de mordomia. Mordomo é o principal servo, que administra a casa do seu senhor. A palavra “mordomo” deriva do grego “οικονόμος” (oikonomos), que significa administrador ou gerente de uma casa ou propriedade. Em uma perspectiva bíblica, a mordomia refere-se à responsabilidade e ao dever dos seres humanos de administrar e proteger o mundo natural em nome do Criador:

E o fizeste pouco menos do que um deus, coroando-o de glória e beleza. Para que que domine as obras de tuas mãos, sob seus pés tudo colocaste: ovelhas e bois, todos, e as feras do campo também; (Sl 8,6-8)
O céu é o céu de Iahweh, mas a terra, ele a deu para os filhos de Adão. (Sl 115,16)
Qual é, então, o administrador fiel e prudente que o senhor constituirá sobre o seu pessoal para dar em tempo oportuno a ração de trigo? [...] Àquele a quem muito se deu, muito será perdido, e a quem muito se houver confiado, mais será reclamado. (Lc 12, 42.48)

Essa mentalidade promove uma relação harmoniosa entre a humanidade e a natureza, fundamentada na gratidão, respeito e responsabilidade moral. Brissos-Lino (2023) reforça o resgate desse conceito de mordomia ao expressar que Deus espera que sejamos dignos de

confiança na mordomia da nossa casa comum. Nesse sentido o apóstolo Paulo evocava a comunidade de Corinto a ser fiel:

Portanto, considerem-nos os homens como servidores de Cristo e administradores dos mistérios de Deus. Ora, o que se requer dos administradores é que cada um seja fiel. (1Co 4,1-2)

Não obstante, a visão dos evangélicos brasileiros sobre a crise ambiental é multifacetada e reflete uma interseção complexa entre teologia, política e cultura. Por esse ângulo é oportuno mencionar a Teologia da Prosperidade como mais um elemento desse intrincado quadro da atitude dos evangélicos diante do meio ambiente (Proença, 2022).

É razoável assumir que as ações de alguns setores evangélicos podem estar sofrendo influência de teologia ou *status quo* no qual a bênção divina traduz-se-ia em prosperidade financeira ou material. Isso poderia desencadear um consumo exacerbado, validado por Deus, por parte desses evangélicos. Nessa perspectiva, Xavier e Delfino (2023), Ferreira e Batista (2018) e Francisco (2015) sinalizam que o consumo desenfreado e obcecado está causando a exploração irresponsável dos recursos naturais e degradando o meio ambiente.

Decerto, uma teologia [da prosperidade] que se conforma a esse modelo de consumo que promove a exploração da natureza, sem preocupação com conservação e o cuidado com a Criação, princípios que também são fundamentais na tradição cristã, é uma teologia que promove a morte em oposição a vida (Proença, 2022).

Em conclusão, fica claro que a visão evangélica sobre a crise ambiental é marcada por uma diversidade de influências teológicas e culturais, que reflete uma complexa junção entre fé e responsabilidade ecológica. A recuperação do conceito de mordomia, conforme enfatizado por vários autores, representa uma oportunidade para os evangélicos brasileiros alinharem suas práticas à ética do cuidado com a Criação divina. Reconhecer a importância de administrar e proteger o meio ambiente como expressão da fé pode contribuir significativamente para o enfrentamento da crise ambiental.

4 Considerações finais

Neste trabalho, exploramos a visão dos evangélicos brasileiros sobre a crise ambiental, examinando sua compreensão à vista das Sagradas Escrituras, dado que o cristão não pode ser inerte aos problemas do mundo, mas sim um sujeito ativo, conforme assinalam Piccolo, Durva e Gallo (2024).

Em suma, a visão dos evangélicos brasileiros sobre a crise ambiental desempenha um papel crucial no enfrentamento dessa questão complexa e urgente. A compreensão da ética ambiental dentro dessa comunidade religiosa é influenciada por interpretações teológicas, políticas e culturais, o que resulta em uma gama diversificada de perspectivas e abordagens.

O Salmo 24,1 proclama: “Do Senhor é a terra e a sua plenitude, o mundo e aqueles que nele habitam”, enfatizando a ideia de que a terra pertence a Deus e que os seres humanos são meros administradores temporários dela. Essa perspectiva tem sido cada vez mais valorizada por teólogos e líderes evangélicos preocupados com a crise ambiental.

Para enfrentar eficazmente a crise ambiental no Brasil e no mundo, é fundamental que os líderes evangélicos e as comunidades religiosas considerem o desenvolvimento de uma cosmovisão que promova a proteção ambiental e a adoção de práticas sustentáveis. Isso requer um diálogo aberto e construtivo sobre as questões ambientais, bem como um compromisso coletivo com a responsabilidade e o cuidado para com a Criação de Deus.

Para estudos futuros, sugere-se investigar as implicações da Teologia do Domínio, ou dominionismo, no evangelicalismo brasileiro em relação à crise ambiental. Essa linha teológica, que advoga a supremacia dos cristãos como os únicos capazes de cumprir o mandato literal de Gênesis 1,26-28 (Pereira, 2023), pode influenciar significativamente as atitudes e práticas ambientais dentro desse grupo religioso.

Referências

BÍBLIA. **Bíblia de Jerusalém**. 13. ed. São Paulo: Paulus, 2019.

BRASIL. **Relatório Anual de Sustentabilidade e Biodiversidade**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/mma/pt-br/aceso-a-informacao/4-auditorias/exercicio-2021/relatorio-de-gestao-2021-mma.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2024.

BRISSOS-LINO, J. Um despertar tardio: os evangélicos e o cuidado ambiental. **Apontamentos de pesquisa: GEPERCS 10 anos: memória, resistência e fé**, [s. l.], p. 104-117, 2023. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/371126054_Um_despertar_tardio_os_evangelicos_e_o_cuidado_ambiental. Acesso em: 20 fev. 2024.

FARIAS, A. C. L. O conceito de missão integral na Teologia e a responsabilidade ecológica da Igreja cristã. **Caminhos de Diálogo**, [S. l.], v. 7, n. 11, p. 139-149, 2019. DOI: <https://doi.org/10.7213/cd.a7n11p139-149>. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/caminhosdedialogo/article/view/25830>. Acesso em: 20 maio. 2024.

FERREIRA, E.; BATISTA, D. M. As contribuições da teologia da educação cristã para a conservação do meio ambiente. **Caderno Intersaberes**, Curitiba, v. 7, n. 11, 2018. Disponível

em: <https://cadernosuninter.com/index.php/intersaberes/article/view/1093>. Acesso em: 20 mai. 2024.

FRANCISCO. **Carta Encíclica ‘Laudato si’ do santo padre Francisco**: sobre o cuidado da casa comum. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2015. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html. Acesso em: 15 mai. 2024.

GUERRA, S. A Crise Ambiental na Sociedade de Risco. **Lex Humana**, [s. l.], v. 1, n. 2, p. 177-215, 2010. Disponível em: <https://seer.ucp.br/seer/index.php/LexHumana/article/view/27>. Acesso em: 15 mai. 2024.

GUIMARÃES, V. R. **Fundamentalismo bíblico protestante**: abordagem histórica e implicações sociorreligiosas. 2014. 88 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) — Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2014. Disponível em: <http://tede2.unicap.br:8080/handle/tede/365>. Acesso em: 22 mai. 2024.

INPE. **Monitoramento da cobertura florestal da Amazônia por satélites**: Relatório Anual 2020. São José dos Campos: INPE, 2020. Disponível em: <https://www.inpe.br/publicacoes/monitoramento2020.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2024.

IPSUS. Two global religious divides: geographic and generational. **Ipsus**, 11 maio 2023. Disponível em: <https://www.ipsos.com/en-us/two-global-religious-divides-geographic-and-generational>. Acesso em: 20 fev. 2024.

MOURA, J. D. F.; SIEDELISKE, F. N. O Cristão e a Responsabilidade Diante da Degradação Ambiental. **Revista Ensaios Teológicos**, [s. l.], v. 7, n. 2, 2021. Disponível em: <https://www.ensaiosteologicos.fbp.edu.br/index.php/ensaios/article/view/477>. Acesso em: 24 jun. 2024.

PEREIRA, E. Teologia do Domínio: Uma chave de interpretação da relação política evangélico-bolsonarista. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, [s. l.], v. 76, p. 147–173, 2023. DOI: <https://doi.org/10.23925/2176-2767.2023v76p147-173>. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/60331>. Acesso em: 24 mai. 2024.

PICCOLO, E. A.; DUVAL, H. C.; GALLO, Z. Ecoteologia em Destaque: Orientações Teológicas aos Cristãos Diante da Crise Ambiental no Século XXI. **Revista Contemporânea**, [s. l.], v. 4, n. 2, p. e3249, 2024. DOI: <https://doi.org/10.56083/RCV4N2-072>. Disponível em: <https://ojs.revistacontemporanea.com/ojs/index.php/home/article/view/3249>. Acesso em: 16 mai. 2024.

PROENÇA, W. L. Evangélicos e a crise ecológica: uma análise em perspectiva multidisciplinar. **Davar Polissêmica**, [s. l.], v. 16, n. 2, p. 282-295, 2022. Disponível em: <https://revista.fbmng.edu.br/index.php/davar/article/view/75>. Acesso em: 20 fev. 2024.

ROSA, R. A. S. **Religião e meio ambiente**: uma breve análise da ecologia na perspectiva das religiões da tradição abraâmica. 2018. 93 f. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) — Faculdade Unida de Vitória, Vitória-ES, 2018. Disponível em: <http://bdtd.fuv.edu.br:8080/jspui/handle/prefix/290>. Acesso em: 04 mar. 2024.

XAVIER, D. J.; DELFINO, C. A. Em busca de esperança: um diálogo entre o cristianismo e o islamismo acerca da crise ecológica vigente. **Caminhos de Diálogo**, [s. l.], v. 11, n. 19, p. 213-227, 2023. DOI: <https://doi.org/10.7213/cd.a11n19p213-227>. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/caminhosdedialogo/article/view/30644>. Acesso em: 19 mai. 2024.